



FOI DESTA!



José Saramago conquista primeiro Prémio Nobel para a literatura em língua portuguesa

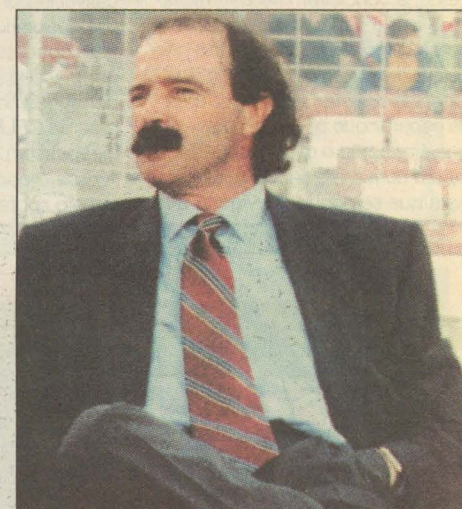
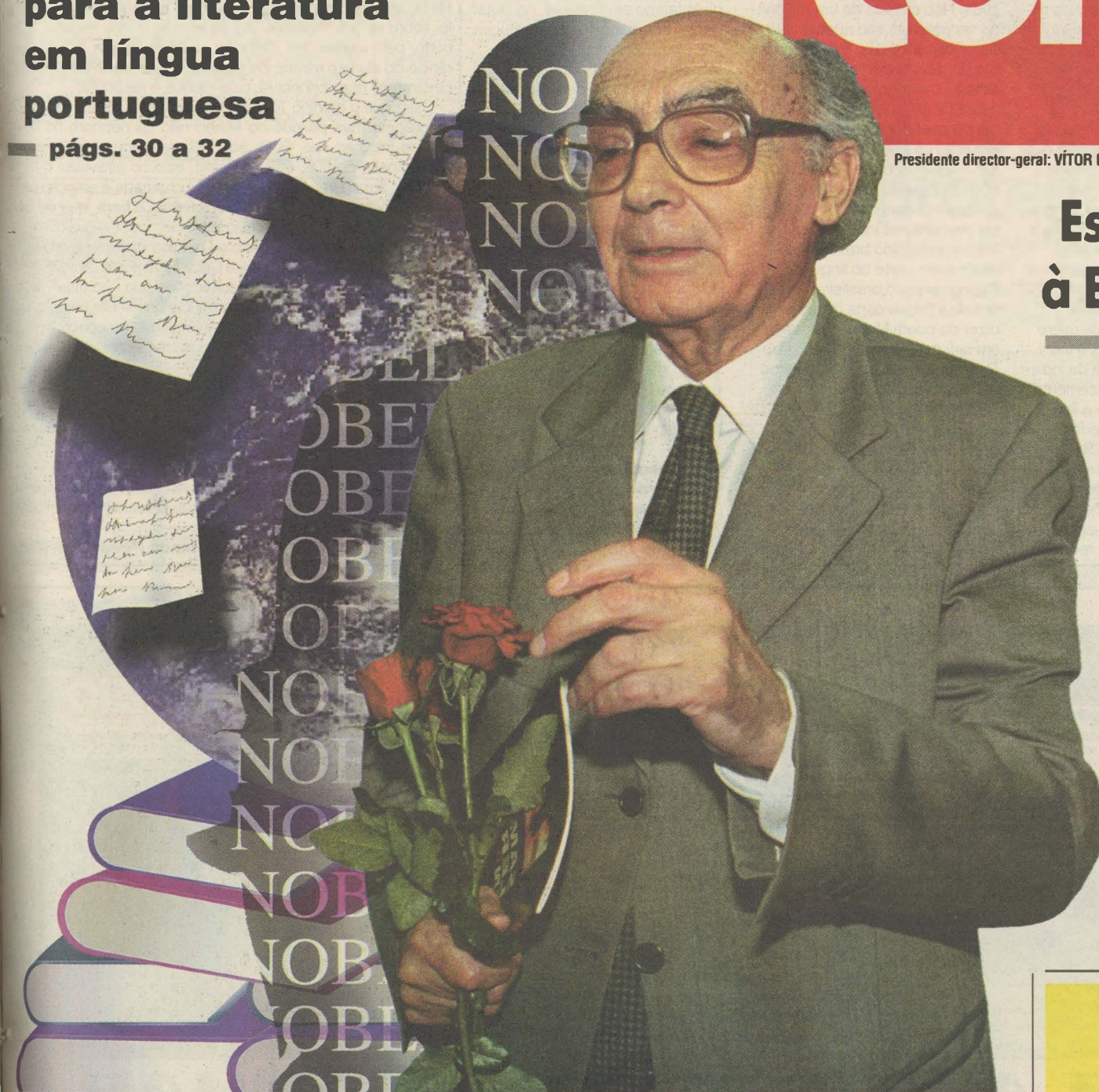
págs. 30 a 32

CORREIO da manhã

Presidente director-geral: VÍTOR DIREITO SEXTA, 9/10/98 ● ANO XX ● N.º 7090 ● PREÇO 140\$00 (C/IVA)

Espanha liga Algarve à Europa no ano 2000

pág. 16



Artur Jorge volta ao Paris St. Germain

suplemento desportivo

Marinha e satélite atacam poluição costeira

pág. 8

'Medidas draconianas' anunciadas contra vacas loucas

pág. 18

144 PÁGINAS

Desporto

Classificados

F. Ambiente



PORTA DA RAVESSA

www.porta-da-ravessa.pt

Sempre aberta...

CASA VIOLA

ÚLTIMA PALAVRA :
Panasonic

G600
UM PEQUENO
GRANDE TELEMÓVEL



Informe-se na
CASA VIOLA
T: 3223470

Agente Autorizado
TELECEL
COMUNICAÇÕES PESSOAIS, S.A.



Afinal sempre chegou! Já poucos acreditavam que o Nobel da Literatura chegasse um dia a Portugal pelas mãos de Saramago ou Lobo Antunes mas todos os anos os dois escritores portugueses mais traduzidos integravam a lista dos possíveis. Ontem, ao meio-dia veio a certeza: Saramago foi o eleito para 1998. Apanhado no aeroporto em Frankfurt quando se dispunha a regressar a Lanzerote, o escritor recebeu a notícia com aparente calma.

"O que eu encontrei dentro de mim foi uma coisa estranha, uma grande serenidade. Primeiro nem acreditei, depois tem de se acreditar", afirmou.

Foi a grande confusão quando a comitiva que o levava de volta ao recinto da feira do livro germânico chegou. Toda a gente queria declarações mas o laureado, homem de falas curtas e longas contemplações não foi na onda do entusiasmo: "Outros poderiam ter ganho este prémio mas fui eu que tive a chance. Não vou dizer coisas do estilo 'estou muito satisfeito'. Creio que não estou ainda muito consciente do que aconteceu. Há tantos grandes escritores que não ganharam o prémio".

Voltou à Feira, onde o aguardavam centenas de pessoas e deu uma conferência de imprensa.

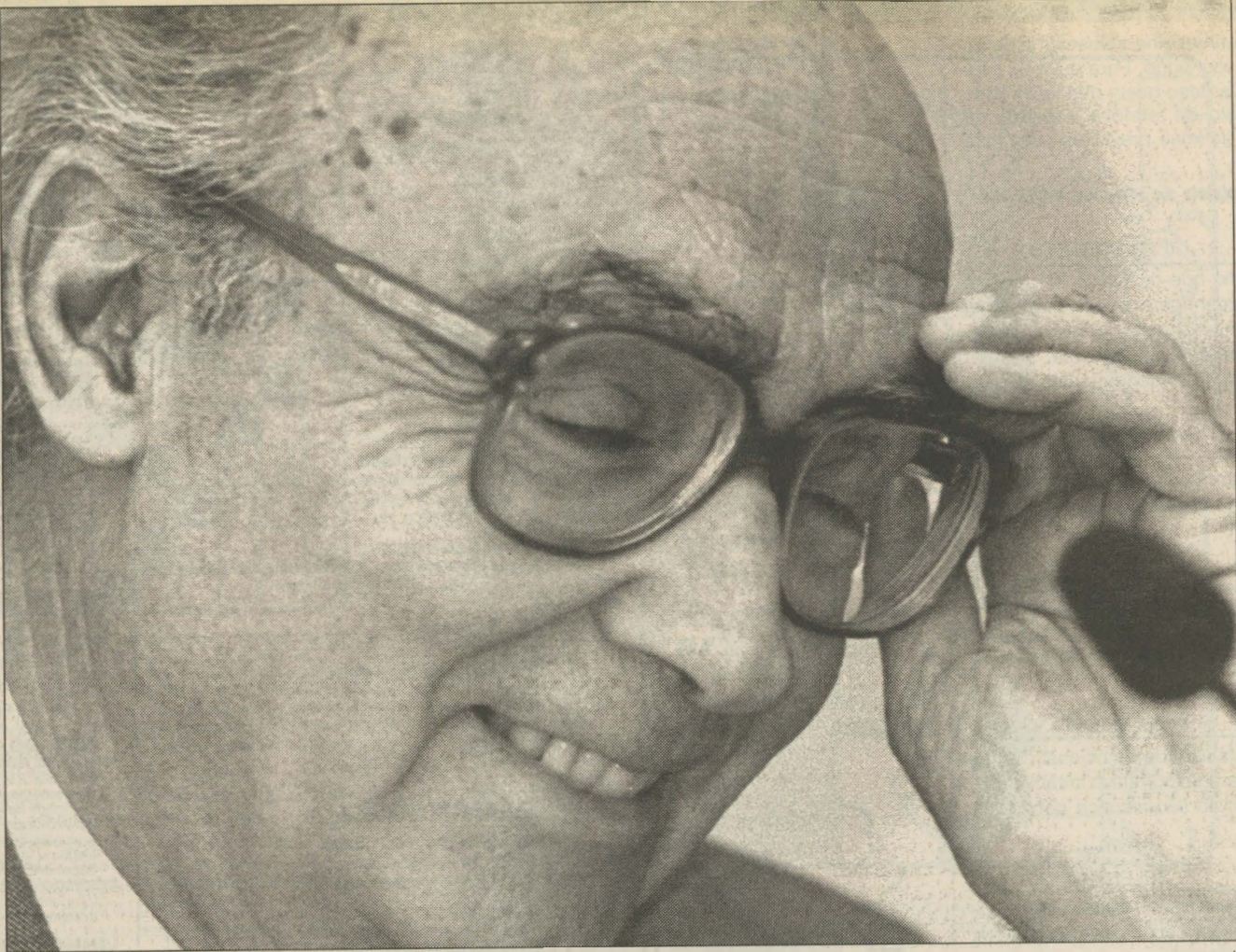
"Tenho duas razões de contentamento, uma pessoal, e outra que tem a ver com a circunstância deste prémio Nobel ser atribuído a um escritor de língua portuguesa", foram as palavras de Saramago, um comunista ferrenho que na véspera da grande notícia tinha ocupado a noite com um debate no lindíssimo edifício da Alteroper, com Urbano Tavares Rodrigues, Alice Vieira e Mário de Carvalho para explicar o que é "Ser comunista hoje".

Segundo Teresa Cruz, jornalista presente na Feira de Frankfurt, "este ano não se esperava nada. O ano passado, quando Portugal foi país-tema na Feira "as especulações multiplicaram-se mas este ano não se falava em nada". Por isso a surpresa de todos, incluindo do autor que se refugiou na metáfora para explicar o que lhe ia na alma:

"Você leva uma pancada na cabeça e continua a andar, diga-me o que planeou, nada. Só espera recuperar os sentidos para começar a pensar nas coisas". A partir de agora, o primeiro Nobel da Literatura de Portugal passa a ser uma "figura mais visível e mais audível", mas Saramago não esconde que continuará a dizer "as mesmas coisas". Para felicidade de muitos e incómodo de outros tantos...

O homem das metáforas

Nascido a 16 de Novembro de 1922 no Ribatejo, José vem para Lisboa com dois anos, para onde a família de fracas recursos aponta, tentando dar novo rumo à vida. É na capital que o primeiro Saramago da família Meirinho Sousa (graças a um erro do Registo Civil) estuda as primeiras letras. Aos onze anos recebe das mãos



Saramago ganhou pelo seu dom que nos permite captar a realidade ilusória, mas quando imagina a Península Ibérica a separar-se da Europa e seguir flutuando pelo Atlântico ("A Jangada de Pedra"), será isso ilusão?

FINALMENTE!

da mãe uma prenda que ainda recorda: "O Mistério do Moinho", o seu primeiro livro. As dificuldades económicas agudizam-se e Saramago vê-se obrigado a mudar do Liceu Gil Vicente para a Escola Industrial Afonso Domingos, onde acaba os estudos de Serralharia Mecânica. Começa a trabalhar e à noite frequenta a Biblioteca do Palácio Galveias onde, como confessor, "lia tudo o que apanhava". De emprego em emprego, vai publicando livros de poesia e colaborando como crítico literário na revista "Seara Nova". Em 1969 torna-se membro do Partido Comunista Português e com a revolução de Abril é

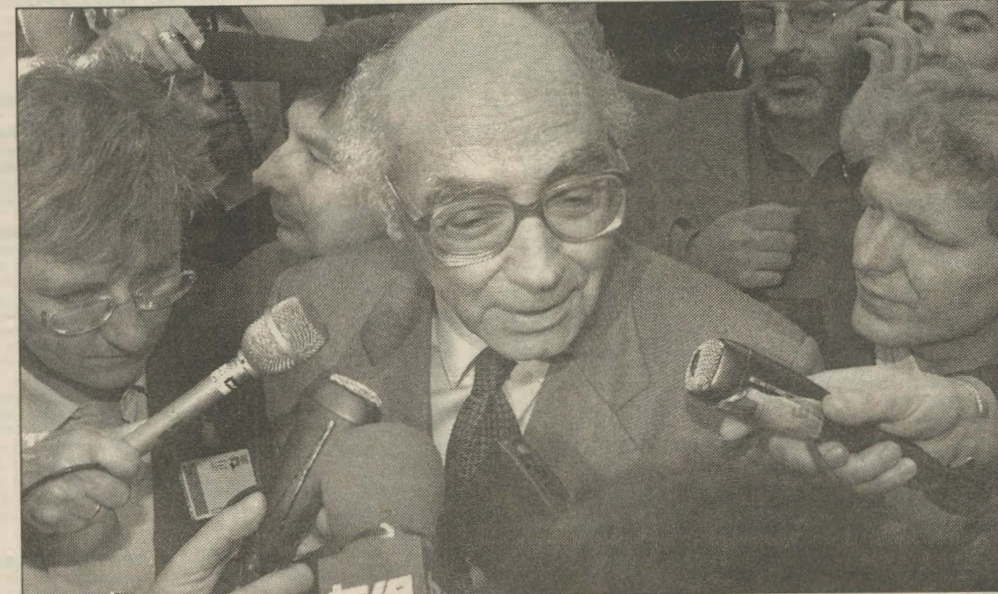
chamado para trabalhar no Ministério da Comunicação Social e, mais tarde, nomeado director-adjunto do "Diário de Notícias". Viviam-se tempos conturbados e, quando finalmente o Verão arrefeceu, José Saramago fica desempregado, altura em que tomou "uma das mais importantes decisões". A partir daí dedica-se exclusivamente à escrita e ganha a vida com traduções.

São dadas à estampa obras como "Manual de Pintura e Caligrafia" e "Objecto Quase". Em 1979, uma peça de teatro "A Noite" é motivo para o prémio da Associação de Críticos Portugueses.

"Levantado do Chão", uma

obra que nasceu do convívio com os trabalhadores de uma cooperativa de Lavre que ganha o Prémio da Cidade de Lisboa. Começa a falar-se no estilo de Saramago, não da forma pomposa como a Academia do Nobel que focou "as parábolas sustentadas por imaginação, compaixão e ironia continuamente nos permite captar uma realidade ilusória", para justificar a escolha.

"Memorial do Convento", provavelmente a obra mais lida juntamente com "A Jangada de Pedra", arrecada dois prémios: o PEN Club Português e o Literário do Município de Lisboa. Dois anos depois, com "O Ano da Morte de Ricardo



Apanhado no aeroporto de Frankfurt, Saramago mostrou-se sereno e feliz ao saber que a Academia sueca o tinha escolhido

Reis" é galardoado com o Prémio do PEN Clube Português e como o Prémio Dom Dinis da Fundação Casa de Mateus.

A partir daí os prémios sucedem-se e Saramago edita com regularidade títulos que a crítica aplaude. Em 1991, surge a sua obra mais polémica "Evangelho segundo Jesus Cristo". Recebe o Grande Prémio da Novela da Associação Portuguesa de Escritores mas Portugal mostra-se receoso com um livro de um comunista com um título e um conteúdo que ameaçava a Igreja. Saramago, que na obra, pretende dar a face humana dos deuses, não compreendeu o veto governamental da sua obra para a candidatura ao Prémio Literário Europeu. Um ano depois, deixa Portugal e muda-se para a ilha de Lanzarote, nas Canárias com a sua segunda mulher, a jornalista espanhola Pilar del Rio.

Os livros, as conferências e os prémios são agora o seu quotidiano e, na calma da ilha do vulcão, o português que os espanhóis reclamam passa os dias em namoro com as letras. Vencedor do Prémio Camões e Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores, entre outros, Saramago tem ainda três doutoramentos "Honoris Causa" por universidades de Itália, Espanha e Grã-Bretanha. Nos intervalos escreve um diário "Cadernos de Lanzerote" onde conta a rotina dos dias e as impressões de um português que vive longe. Durante anos manteve a casa de Lisboa, na Graça. Até que um dia, desistiu e entregou a chave. E agora?



TODOS OS NOMES...

A atribuição do Prémio Nobel a Saramago é "um reconhecimento para a Literatura Portuguesa", consideraram políticos, escritores, artistas, livreiros... E também muitos portugueses anónimos -- uns mais leitores do que outros da obra do escritor -- engrossaram o consenso quanto mais não seja através de "uma grande alegria" natural quando o Mundo aclama um dos nossos.

PropONENTE da candidatura de José Saramago ao Nobel, a **APE** - Associação Portuguesa de Escritores, pela voz do seu presidente, José Manuel Mendes, expressou o júbilo pela distinção felicitando "afectuosamente o grande escritor que o Mundo já reconhecera e consagrara". Apesar de amigo de Saramago, o responsável pela APE disse preferir situar este triunfo não no aspecto dos afectos mas "na dimensão universal que detém".

A editorial **Caminho**, que publica os livros de Saramago há 18 anos, recebeu com "enorme orgulho" a notícia, admitindo o editor, José Oliveira, em Frankfurt, que a atribuição do Nobel terá por certo "grandes reflexos na procura da obra do autor por editores estrangeiros".

A filha de José Saramago, **Violante Matos**, vereadora na Câmara Municipal do Funchal, recebeu a notícia durante a reunião semanal do Executivo que acabaria por ser interrompida "para festejar, com vinho da Madeira e bolo de mel". Emocionada, confessou estar "contentíssima e com dificuldade em falar e expressar os seus sentimentos".

De visita ao Porto, onde participou numa reunião descentralizada com os 25 directores-gerais que o seu ministério tutela, Manuel Maria **Carrilho** teve grandes elogios ao laureado, anunciando que o Ministério da Cultura promove no próximo dia 14, dia em que Saramago chega a Portugal, uma "grande homenagem da cultura portuguesa" ao Nobel da Literatura, salientando que este não será um acto institucional do seu ministério mas uma iniciativa que abarcará todas as figuras que nela queiram participar.

Carrilho considerou o prémio como a consagração "de um autor, um trajecto e uma capacidade criadora singular", mas também a valorização dos valores nacionais. "É de lamentar a cegueira de quem censurou este homem", frisou reportando-se

ao caso, ocorrido há uns anos, envolvendo o então secretário de Estado da Cultura, Sousa Lara e o agora Prémio Nobel.

O Presidente da República "apanhou" o escritor via telefone daí ter tido ocasião para felicitá-lo directamente. "Passamos da Ciência para as Letras e isso é motivo de orgulho para todos nós", salientou numa referência ao primeiro Prémio Nobel atribuído a um português, o cientista Egas Moniz. A Saramago classificou como "um grande trabalhador da língua portuguesa" e "um grande criador" agradecendo-lhe os "milhares de páginas magníficas que tivemos a possibilidade de ler", frisando por outro lado a sua "capacidade de intervenção e o testemunho que sempre deu ao longo da sua vida". O chefe do Estado poderá ir a Estocolmo assistir à entrega do prémio, embora nada esteja ainda planeado.

"O dia de hoje amanheceu jubiloso para Portugal. Com a atribuição do Nobel da Literatura ao autor de 'Memorial do Convento' e 'Levantado do Chão', a literatura portuguesa atinge a sua plenitude e o pico mais alto da sua consagração", acentua o voto apresentado pelo **Presidente da Assembleia da República** e aprovado por unanimidade e aclamação.

Classificando Saramago como "um artista da palavra que prende com o seu sortilégio", no seu voto Almeida Santos realça o escritor multifacetado "que impregna as suas obras de ideias criadoras e preocupações sociais profundas".

De Moçambique vieram as palavras elogiosas do **primeiro-ministro**, António Guterres: "Acho que a literatura portuguesa já há muito merecia esta distinção que é, para nós, um motivo de profundo orgulho. Todos puderam ver, aqui na Beira, como em todo o Mundo os portugueses vão sentir mais este testemunho do reconhecimento internacional do papel que Portugal tem na constituição deste mundo moderno em que vivemos".

O **Conselho de Ministros**, numa deliberação da reunião de hoje, felicitou o escritor e atribuiu ao prémio um significado ainda mais marcante por surgir num ano em que Portugal "mereceu destacadas referências internacionais a nível económico e social". A decisão constitui, a par do merecido reconhecimento valor da obra do escritor e da lite-

ratura lusófona, "o reconhecimento internacional de Portugal, no domínio cultural".

Para a **Sociedade Portuguesa de Autores** é de um "significado transcendente" a atribuição do Nobel da Literatura pela primeira vez a um português. A obra de Saramago, pela sua riqueza temática, pela mensagem humanista que dela se desprende, pelo rigor inventivo do seu estilo, constitui "uma referência definitiva da nossa história literária de todos os tempos", diz o presidente da SPA, Luís Francisco Rebelo.

Por seu turno, o director da Biblioteca Nacional, **Carlos Reis**, que reconhece a extraordinária capacidade de Saramago "para problematizar e repensar a literatura", avançou a notícia de que no início do próximo ano vai lançar a obra "Diálogos com José Saramago", preparada em conjunto com o autor e onde este revela a sua "poética de escritor", uma faceta menos conhecida do público.

"Hoje é um grande dia para Portugal, para a literatura, a cultura e a língua portuguesa e para os valores e ideais que sempre defendes-te. E também um grande dia para os militantes do PCP e para todos os 'Levantados do chão' ", a mensagem, dirigida a Saramago é, naturalmente, de **Carlos Carvalhas**.

Entre (diferentes) iguais

Dario Fo, que agora "cede" o seu lugar, conhece alguns livros de Saramago, "os mais importantes". Para aquele dramaturgo italiano, Nobel da Literatura de 1997, é "uma honra partilhar com o escritor português a distinção da Real Academia Sueca".

"O Prémio Nobel descobriu finalmente a literatura portuguesa, que já existe há sete séculos, mas a hora é de exultação e não de recriminações", afirmou o historiador e catedrático **Oscar Lopes**. Reforça o autor da "História da Literatura Portuguesa" que José Saramago "é o grande nome das letras portuguesas, o fruto mais saboroso da vida difícil de um povo de emigrantes, por vontade e sonho, e pela contrição das circunstâncias".

Para o jornalista e escritor **Baptista Bastos**, o galardoado "honra a literatura e o País que com frequência o hostilizou", salientando que a literatura portuguesa actual tem escritores que "escrevem à norte-americano", outros "à Jorge Luís Borges", outros ainda "com aparo francês". "O José Saramago escreve num território idiomático admirável porque é rigorosamente português", sublinhou.

O escritor **Mia Couto** disse, em Maputo, que a atribuição do Nobel à José Saramago "é um prémio para toda a literatura em língua portuguesa", atribuído a um "amigo de Moçambique" já que o laureado "combateu muito" para a divulgação das Letras moçambicanas. Também de Maputo surgem os comentários de outro escritor, **Nelson Saúte** deseja que esta vitória da língua portuguesa seja "a porta de entrada para que a Lusofonia saia do gueto".

Jorge Amado e Zélia Gattai manifestaram-se duplamente felizes pois o prémio para além de distinguir "um dos mais expressivos escritores do mundo contemporâneo foi concedido a um grande e querido amigo".

Grande amiga de José Saramago, a professora **Luciana Stegagno Picchio**, estudiosa da literatura portuguesa, chamou a atenção para o facto de durante todos os anos nunca se ter dado um reconhecimento "a este bloco linguístico de mais de 200 milhões de pessoas", daí que o Nobel da Literatura atribuído ontem seja "o mais justo dos últimos 15 anos".

"Todos os portugueses se sentirão orgulhosos por Saramago, eterno candidato ao prémio, ter conseguido obtê-lo", considera Pilar del Rio, a mulher do escritor. E assim acabou por acontecer. Mal tiveram conhecimento da notícia muitos dos portugueses em Frankfurt procuraram felicitar o escritor

'MAS'...

O consenso é difícil e nunca foi apanágio de Saramago, homem votado a polémicas e ódios que se vão equilibrando com louvores e admiração.

Logo que se soube o nome do Nobel da Literatura 98, o Vaticano não fez esperar o comentário no "Osservatore Romano". Ali se reza que a "reconhecida orientação ideológica" do laureado é motivo suficiente para o Vaticano não ter gostado da decisão da Academia. "Saramago é ideologicamente um comunista inveterado", refere o jornal que aponta "O Evangelho segundo Jesus Cristo" como prova da "visão substancialmente anti-religiosa do escritor".

D. Manuel Martins, bispo resignatário de Setúbal, afirmou, "estar extraordinariamente feliz como português com a atribuição a um compatriota" **mas** que o seu contentamento duplicaria se Saramago, "que escreve lindamente, se deixasse iluminar por ideais cristãos".

"Autor de leitura difícil e muito pesada que insulta abertamente os sentimentos cristãos", disse D. Duarte sobre o laureado, acrescentando: "Duvido que os membros do júri tenham lido os seus livros". Apesar de tudo considera o prémio "uma honra para a língua portuguesa".

Também Sousa Lara deu os parabéns ao vencedor, numa atitude de nítido "fair play". Mostrou-se satisfeito por Portugal **mas**, garante, voltar a tomar a decisão de vetar a obra polémica e continua a não apreciar a escrita de Saramago.

"Para que não haja hipocrisia", Manuel Monteiro disse estar "muito satisfeito com a atribuição do Nobel" **mas** confessa-se não admirador do estilo.

Muito contente também ficou Eugénio de Andrade **apesar de** ter preferido um poeta, "por pensar que a poesia é a expressão do génio português".

O polado Czeslaw Milosz, Nobel da Literatura 1980, afirmou conhecer a obra de Saramago **mas** não a suportar.

A escritora Maria Teresa Horta declarou-se "contente pela literatura portuguesa" **mas** lamentou que se continue a "esquecer as mulheres".

O escritor e jornalista Manuel António Pina afirmou que o Prémio Nobel para Saramago é o "reconhecimento de uma literatura e de uma língua que, imbecilmente - é o termo - a academia sueca tem ignorado", acrescentando: "Pessoalmente, não sou grande admirador da escrita de José Saramago, **todavia**, acho que é importantíssimo pelo que significa".

As congratulações vão aumentando, tal como mais críticas se esperam, mas num ano de Expo, em que a exaltação nacional parece estar em alta, as críticas soam, na certa, de forma suave com o "eterno patritismo dos **mas**".